

CEBRI

ANÁLISE DE
CONJUNTURA
INTERNACIONAL

10 de abril de 2025

Como o Brasil deve lidar com Trump?



Como o Brasil deve lidar com Trump?

10 de abril de 2025

Transformação Sísmica da Arquitetura Comercial

As regras de comércio internacional das quais o Brasil é um grande beneficiário estão passando por uma mudança profunda. O que começou no primeiro mandato de Donald Trump como um desafio frontal, continuou sob Joe Biden e agora chega a uma virada decisiva com o tarifaço de 02 de abril. Trata-se de mais do que uma turbulência temporária: sinaliza o fim da ordem de comércio baseada em regras, que sustentou décadas de globalização.

Enquanto os Estados Unidos transformam tarifas em armas de influência geopolítica, parceiros tradicionais e rivais se veem obrigados a responder. O Brasil não é exceção. Dado nosso peso relativo na política do comércio internacional, as respostas que escolhermos têm capacidade não apenas de determinar o futuro econômico do país, mas também de moldar as novas regras do comércio global.

A Nova Geopolítica da Retaliação

O Brasil não está entre os países mais afetados pelas novas tarifas, e os produtos exportados para os Estados Unidos serão tributados pela alíquota mínima de 10%. Ainda assim, setores exportadores brasileiros, como aço, alumínio, suco de laranja, madeira e cimento, sentirão os efeitos. No entanto, o impacto mais significativo será observado com o desenvolvimento das retaliações das demais potências, em especial da China — nossa principal parceira econômica e, também, a potência econômica mais atingida pelas tarifas de Trump. A retaliação chinesa tem a capacidade de reconfigurar os fluxos comerciais do mundo.

Com a recente resposta chinesa de 84% sobre as importações americanas e a retaliação cruzada de Trump que chega a mais de 125% de tarifas, testemunhamos um agravamento na guerra comercial entre dois gigantes. Como resultado, observamos o recrudescimento das tensões geopolíticas, a redução da interdependência comercial das duas maiores economias mundiais e o redirecionamento das exportações chinesas para outros mercados. Não apenas

as tarifas afetarão produtos brasileiros de alto valor agregado, mas, sobretudo, a prevista entrada mais agressiva de produtos chineses no mercado brasileiro.

Recomendações Estratégicas para o Brasil

Já estamos diante de um novo capítulo do tarifaço com o recuo de Trump, com uma suspensão de noventa dias das “tarifas recíprocas” - uma derrota disfarçada de estratégia.

Para o Brasil, o momento atual exige uma reavaliação abrangente de nossa postura comercial – não apenas em relação aos Estados Unidos, mas globalmente, à medida que outras nações desenvolvem suas próprias estratégias de resposta. O Brasil possui duas vantagens cruciais: somos mercado deficitário para os americanos e mantemos um nível alto de tarifas sobre seus produtos. Esse espaço de manobra nos confere margem para uma negociação assertiva, incluindo concessões pontuais e negociadas com os americanos dentro de um processo de negociação que irá se abrir em algum momento. Tais concessões, além de não representarem um avanço do protecionismo, podem, na verdade, tornar alguns setores mais competitivos e beneficiar ainda mais o Brasil. Quatro princípios devem guiar nossa estratégia:

- 1- Retaliação não é vingança, é alavancagem. **Uma política inteligente de retaliações seletivas deve mirar precisamente setores de grande peso político dentro dos EUA.** Isso significa mapear os setores americanos com influência decisiva, os chamados *swing states* onde retaliações brasileiras provocariam dor econômica, mobilizando o setor privado interno contra as políticas de Washington. Na renegociação comercial, o Brasil precisa conquistar aliados na esfera subnacional do sistema político americano.
- 2- **Precisamos diversificar nossas alianças e reduzir dependências**, avançando a agenda de acordos comerciais e diminuindo tarifas para parceiros alternativos, seja na Ásia, Europa e África. Além disso, é fundamental construir coalizões com outros países também impactados pelo novo protecionismo para defender o multilateralismo comercial e fortalecer a OMC como marco de referência.
- 3- Seria miopia estratégica focar apenas na frente americana. **Devemos fortalecer ainda mais nossa política comercial para a Ásia.** Nossas exportações para países daquela região já superam muitas nações europeias. É preciso acentuar e aprofundar o relacionamento comercial com países do Sudeste Asiático, Leste Asiático e Sul da Ásia. Muitos países asiáticos enfrentam sobretaxas de 30% a 40% sobre suas exportações para os EUA, o que abre espaço para aumentarmos nossas vendas a esses mercados. Devemos intensificar a busca por novos parceiros asiáticos – como Índia, Coreia do Sul e países do Sudeste Asiático – e explorar oportunidades de

ampliar exportações para esses mercados, aproveitando eventuais brechas criadas pela guerra comercial.

- 4- Como último recurso, **o Brasil deve considerar a utilização estratégica da propriedade intelectual e serviços, setores nos quais empresas américas têm grande interesse e ganhos no Brasil.** Isso implica ameaçar a suspensão da proteção de patentes e direitos de propriedade intelectual de empresas americanas, seguindo o precedente estabelecido na bem-sucedida disputa do algodão em 2009. Embora se trate de uma medida extrema, com potencial para intensificar tensões e desencorajar investimentos, seu uso calculado pode transformar-se em uma valiosa ferramenta de barganha nas negociações, especialmente em setores nos quais os EUA detêm significativa vantagem tecnológica.

As regras do comércio internacional que sustentaram décadas de globalização estão sendo demolidas e reescritas diante de nossos olhos. O Brasil tem agora duas opções: permanecer como mero espectador, sofrendo passivamente as consequências, ou mobilizar seu arsenal estratégico para defender seus interesses vitais e ajudar a moldar a nova arquitetura comercial global. O momento exige cautela, mas também audácia – e, sobretudo, a compreensão de que concessões pontuais em setores protegidos podem fortalecer nossa posição, impulsionar a competitividade e evitar a armadilha de um protecionismo ainda maior.



*Um espaço para pensar,
dialogar, disseminar e
influenciar o futuro.*

O Centro Brasileiro de Relações Internacionais (CEBRI) é um *think tank* independente e plural que há 26 anos lidera debates sobre soluções inovadoras para os grandes temas globais, na perspectiva dos interesses do Brasil. Contribuímos com a construção de uma agenda para a política externa do país. Com uma rede de especialistas, oferecemos aos tomadores de decisão propostas de políticas públicas consistentes para a promoção do desenvolvimento e a inserção do país na economia mundial. Estamos particularmente dedicados à construção de projetos em setores essenciais para a sociedade do século XXI, como a transição energética e a transformação digital, motores de crescimento econômico e prosperidade social. Com sedes no Rio de Janeiro e em São Paulo, o CEBRI tem reconhecimento internacional. Reunimos mais de cem empresas dos principais setores da economia, além de instituições, representações diplomáticas e sócios individuais que representam um amplo arco de interesses. Nosso Conselho Curador é formado por renomados diplomatas, intelectuais e empresários, com papel fundamental na definição de estratégias da instituição, assegurando a excelência de nossas iniciativas.

Acesse cebri.org